

Educação Patrimonial: Revisitando Ouro Preto Através da Cantaria

Área Temática de Cultura

Resumo

A cidade de Ouro Preto possui um dos mais belos conjuntos arquitetônicos do Barroco no mundo, mas que vem sofrendo com a ausência de políticas nas áreas de conservação e preservação. Buscando contribuir para preservação desse acervo, a Escola de Cantaria de Ouro Preto resolveu montar um programa de educação patrimonial, denominado Revisitando Ouro Preto através da Cantaria, que tem por objetivo o estabelecimento de novas relações de apropriação dos monumentos e lugares históricos por parte das crianças e adolescentes. Desenvolver uma relação de pertencimento entre as novas gerações e o patrimônio que lhes foi legado, que elas se reconheçam e reconheçam naquele patrimônio um pedaço de suas histórias e de seus descendentes, estabelecendo novos lugares e suportes para a memória, mas de forma prazerosa e lúdica. O Revisitando Ouro Preto através da cantaria trabalha com as crianças do Ensino Fundamental do município, sendo que em 2003 conseguiu atender mais ou menos 1000 crianças em um ano de atividades, além de oferecer aos professores e escolas das redes públicas e privadas um importante suporte na área de educação patrimonial.

Autores

Carlos Alberto Pereira, doutor em Tecnologia Mineral

Simone Monteiro Silvestre Fernandes, especialista

Fabiano Gomes da Silva, licenciado e bacharelado em História

Heloisa Oliveira, graduanda de Engenharia de Minas

Antônio Netto Júnior, graduando em História

Instituição

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 13ª Sub-Regional

Palavras-chave: educação patrimonial; cantaria; Ouro Preto-MG

Introdução e objetivo

Ouro Preto, antiga Vila Rica, é reconhecida como modelo de espaço urbano e arquitetura da ocupação do interior do país no período colonial, caracterizada pelo somatório de arruamentos, edificações e equipamentos urbanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Em relação ao núcleo urbano surgido e erguido durante o período colonial, o sítio natural e as características da atividade mineradora condicionaram o traço característico do seu desenho urbano. A sua configuração, orgânica e linear, é fruto do agrupamento dos diversos arraiais surgidos em função da descoberta do ouro em 1698, que deu origem, em 1711, à antiga Vila Rica de Albuquerque, e que em 1720 tornou-se a capital da Capitania das Minas Gerais. A ligação dos arraiais se consolidou a partir do segundo quartel do século XVIII, por meio de intervenções urbanas significativas, promovidas pelo governo Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela (1735-63). Nesse período foram construídos chafarizes e pontes, foi implantado o centro administrativo, hoje praça Tiradentes, delimitado pela construção do Palácio dos Governadores e posteriormente pela antiga Casa de Câmara e Cadeia. O novo núcleo unificou os seus dois mais importantes arraiais, Antônio Dias e Pilar, elevando Vila

Rica a condição de um dos principais núcleos Setecentista de extração do ouro e propiciando importantes inovações na arquitetura, na pintura e na escultura.

Tempos áureos foram aqueles. Já em nosso tempo, a cidade de Ouro Preto tem constantemente aparecido no noticiário da imprensa nacional e internacional. Pena que tal atenção não seja para veicular boas informações sobre a cidade, mas para dar conta do descompromisso das autoridades na manutenção de um dos maiores conjuntos de obras do barroco no mundo. O episódio mereceu a atenção da UNESCO que ameaçou cassar o título de Patrimônio Histórico da Humanidade da cidade, caso não fosse desenvolvido determinadas ações para preservação desse conjunto.

As críticas às autoridades são várias: inexistência de um Plano Diretor que possa controlar a ocupação da área urbana, detendo as invasões de áreas de reconhecido valor histórico, como o local das ruínas da primeira residência dos Governadores em Vila Rica, o antigo Palácio dos Governadores; ausência de um efetivo controle do tráfego de automóveis na área central, local de maior concentração de imóveis históricos tombados; falhas na proteção das obras sacras mantidas nas diversas igrejas da cidade; entre outros assuntos mais específicos.

Acreditamos que as críticas apresentadas são pertinentes, mas duvidamos que a simples sanção de leis e normas punitivas possa no dia-a-dia construir condições para a preservação e manutenção desse conjunto. A nossa dúvida nasce da percepção de que os significados dos bens que compõem esse patrimônio cultural, têm andado longe da experiência de vida de uma considerável parcela da população, particularmente as crianças e os jovens.

Não são difíceis encontrar as marcas das “intervenções” das crianças e jovens em monumentos próximos às escolas, quase sempre rabiscados com “corretivos” e várias espécies de tintas, quando elas não explodem bombas nos tubos de água de algum chafariz. É recorrente: faz-se o trabalho de restauro e dias depois já são perceptíveis as marcas nos monumentos, a exemplo temos a Ponte Marília de Dirceu que passou por um demorado processo de restauro e tão logo entregue à comunidade, não tardaram essas “intervenções”.

Dessa forma, torna-se difícil a manutenção e preservação de qualquer bem histórico, seja ele material ou imaterial, quando não há por parte da comunidade sensibilidade sobre a importância da valorização e entendimento dos sinais e registros do passado em suas vidas. É preciso desenvolver uma relação de pertencimento entre as novas gerações e o patrimônio que lhes foi legado, que elas se reconheçam e reconheçam naquele patrimônio um pedaço de suas histórias e de seus descendentes, estabelecendo novos lugares e suportes para a memória, mas de forma prazerosa e lúdica.

É movida por essas preocupações que a Escola de Cantaria decidiu montar um programa de educação patrimonial voltado para as séries iniciais do Ensino Fundamental, especificamente a quarta série.

Com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFOP, FAPEMIG Fundação de Amparo a Pesquisa em Minas Gerais, Alcan Alumínio do Brasil e do IPHAN/13ª Sub-Regional II, criamos o programa, denominado Revisitando Ouro Preto através da Cantaria, que objetiva estimular a apropriação e o uso do patrimônio cultural da cidade sob novo olhar, um olhar sensibilizado pela beleza e técnica da cantaria mineira. Encontrada nas edificações coloniais brasileiras, usada nos elementos arquitetônicos ou em parte mais nobres das construções Setecentistas, a cantaria, entendida por pedra lavrada ou simplesmente aparelhada em formas geométricas para construção de edifícios e, em geral, para qualquer construção, foi amplamente utilizada em Ouro Preto. Também empregada como ornamento, a origem do termo deu-se em função do trabalho com rochas para construção dos cantos das casas, e o ofício é desenvolvido pelo chamado "canteiro", que é, na realidade, "o escultor da pedra". (VILLELA, 2003; SILVA, 2003).

O programa visa não só a preparar os professores para trabalharem os conteúdos de história regional, memória, preservação e patrimônio cultural, organizando material que sirva de suporte em sala de aula e estimulando o trabalho interdisciplinar, como também despertar, desenvolver e fomentar nos educandos da cidade, atitudes de respeito, valorização e preservação do Patrimônio Cultural de Ouro Preto.

Aqui, o conceito de patrimônio cultural é usado na sua acepção mais ampla, confluindo para suas fronteiras o patrimônio material e o imaterial (HORTA, 1999; RANGEL, 2002; LEMOS, 1982). Buscando fomentar novos olhares para o patrimônio edificado, destacando o trabalho esculpido na rocha, seja na esteatita (pedra-sabão), no quartzito (itacolomito) ou no quartzo clorita-xisto. Levando para a realidade da criança ou adolescente um leque de informações que lhes possibilitem identificar a qualidade dos materiais usados nos elementos artísticos, a trabalhabilidade de cada uma, as ferramentas usadas, a maneira de extração da rocha nos morros da cidade, além da própria localização e identificação desses bens no conjunto urbano e paisagístico.

No entanto, não nos restringimos ao edificado, ao material e monumentalizado. Almeja-se manter inteligível as relações originais que permitam o trabalho manual do artesão, explorar os modos de fazer artesanal, diferenciando-os de outras formas de produção como a industrial. Valorizar o *savoir-faire* dos canteiros, “quer enquanto atividades únicas e insubstituíveis na produção de certos bens, quer enquanto repositório de saberes tradicionais que tendem a desaparecer com a morte dos artesãos que a elas se dedicam”(MANIQUE, 1994, 84).

Na intercalação desses dois momentos, permite-se o contato com a obra e a técnica de produção da mesma, no seu ambiente de confecção. A interdisciplinaridade desse conteúdo acaba abrindo uma variada gama de opções pedagógicas ao professor da Educação Básica, podendo ser trabalhado como tema transversal no Ensino Fundamental (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998) ou por meio de projetos ou módulos no Ensino Médio (STARLING e SANTANA, 2002).

A interdisciplinaridade está presente inclusive na organização da Escola de Cantaria, pois conta com profissionais de áreas como História, Engenharia Civil, Engenharia Geológica, Engenharia de Minas, Mestre e oficiais canteiros. A Escola de Cantaria se dedica à pesquisa histórica e de materiais, a formação de novos canteiros, o trabalho de restauro e a conservação com o programa de Educação Patrimonial. Criando um espaço de auxílio para bolsistas, pesquisadores e professores interessados no tema. É o conhecer para preservar sendo levado a cabo, por profissionais preocupados em construir, com os professores, alternativas destinadas à alfabetização patrimonial dos nossos jovens cidadãos.

Metodologia

O público alvo desse programa é composto pelos alunos das escolas do Ensino Fundamental das redes pública e privada, em específico os alunos da quarta série da cidade, com a duração de seis meses. Seguindo as sugestões de metodologias específicas para a área (HORTA, 1999; STARLING, 2002, 112), montamos uma que contemplasse a especificidade de um público que tropeça em monumentos e que pode no seu cotidiano ter acesso ao objeto cultural, fonte primária de múltiplos sentidos e significados.

Etapas - Recursos/Atividade - Objetivos

Apresentação do tema Cantaria por meio de curtas palestras, ferramentas e banners (contendo imagens de monumentos, que privilegiem a cantaria em relação ao monumento). Dividir a sala em dois grupos, sem critérios de gênero, para realizar jogos de identificação dos objetos representados nas imagens e perguntas sobre a cantaria e o patrimônio. Premiando de forma diferenciada os dois grupos. Trabalhar o tema e a importância do patrimônio cultural. Capacidade de identificação visual do tema e dos objetos contidos nos banners. Estimular um

ambiente saudável de competição, sem distinção de gênero e o estigma de vencedores e vencidos.

Estimulação

Visita orientada pelos bolsistas e oficiais canteiros a Oficina da Escola de Cantaria.

Noções básicas de segurança, apresentação dos tipos de ferramentas usadas e as rochas existentes na região. É hora de brincar: cada criança recebe óculos de proteção, uma ferramenta e, com mais quatro colegas, escolhem um tipo de rocha para esculpirem o que bem entenderem, tudo sob orientação de um bolsista ou oficial, para cada grupo de cinco crianças. Fixação das informações. Vivenciar o contato com os materiais, ferramentas e a prática do ofício. Aprender a se relacionar com as formas tradicionais de saber e fazer. Valorização do trabalho do artesão. Trabalhar em conjunto com a equipe.

Percepção

Realizar um passeio, previamente estabelecido, em determinadas ruas do centro histórico ou em locais próximo da escola ou bairro, mas desde que contemple a cantaria. Explorar os locais visitados, complementando informações e/ou levantando questionamentos a respeito das condições de preservação do patrimônio. Identificação dos objetos, sua função e significado nos espaço urbano. Desenvolvimento da percepção visual e simbólica da cantaria nos bens. Reapropriação desses locais, enquanto espaços de fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva

Apropriação

Propor a elaboração de um roteiro da cantaria em Ouro Preto, segundo os critérios definidos pela turma. Pode-se, como alternativa ao roteiro, apresentar textos literários, colagens, pinturas desenhos, música, escultura, peça teatral e vídeos. Divulgação dos trabalhos nas escolas para a comunidade e a realização de um evento para premiação das turmas que participaram. Envolvimento afetivo com o uso, conservação e preservação do patrimônio cultural apropriado. Desenvolvimento da capacidade de auto-expressão. Participação dos pais e comunidade no processo de valorização do bem cultural. Envolvimento da comunidade no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural local, estabelecendo um efeito multiplicador da ação.

Inicialmente buscamos sensibilizar os professores e coordenadores pedagógicos das escolas participantes. Apresentamos o projeto e entregamos o material didático produzido pela Escola de Cantaria, para suporte das ações educativas a serem desenvolvidas. Ainda propomos ao docente uma visita didático-pedagógica, a oficina da Escola de Cantaria-Projeto de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, localizada no Campus da UFOP, para que ele vivencie todas as etapas do programa, apresentando críticas e sugestões ao projeto. O objetivo dessa etapa é trabalhar o tema e a importância do patrimônio cultural local, preparando o professor, para trabalhar os conteúdos de história regional, memória, preservação e patrimônio cultural, organizando material que sirva de suporte em sala de aula e estimulando o trabalho interdisciplinar e a construção de conhecimentos específicos nesses conteúdos.

E só após o trabalho de sensibilização dos professores é que começamos a trabalhar com os alunos, desenvolvendo as atividades relacionadas no quadro acima, exceto o passeio nas ruas do centro histórico ou em locais próximo da escola, pois essa etapa ficou sob a responsabilidade dos professores.

Resultados e discussão

Os resultados foram bem animadores. Em 2003 reunimos oito escolas no primeiro semestre e mais oito no segundo, totalizando 16 escolas atendidas em um ano de trabalho e, aproximadamente, 1000 alunos. Algumas escolas já incluíram o programa na agenda escolar e os professores conseguiram realizar um interessante trabalho multidisciplinar, criando espaços

para conteúdos das áreas de História, Geografia e da Língua Portuguesa nas atividades propostas.

Tivemos certos problemas na ampliação do programa no segundo semestre, principalmente por dificuldades financeiras para subsidiar maior apoio ao deslocamento dos alunos das escolas até a oficina da Escola de Cantaria. Acrescentamos, ainda, os problemas de infra-estrutura existente em algumas unidades de ensino da rede pública e o desinteresse de determinados professores em trabalharem, juntamente com os nossos bolsistas, no desenvolvimento do tema em sala de aula, problema esse não circunscrito apenas as escolas públicas mas estendível ao setor privado. E para nossa surpresa e satisfação, as escolas da periferia da cidade apresentaram um maior envolvimento em relação às do centro, maior disposição em participarem das atividades e professores mais participativos.

Quanto à receptividade e participação dos alunos, destacamos a curiosidade bem peculiar da idade, capaz de nos surpreender pela complexidade das informações inquiridas. Quando eram questionadas, buscavam sempre se reportar ao leque de suas experiências ou as de seus pais e parentes próximos. Citavam com entusiasmo o fato de seus pais terem trabalhado em pedreiras da cidade ou em profissões relacionados com a manutenção ou restauração de imóveis como pedreiros, carpinteiros, engenheiros.

Parece-nos que a visita à oficina da Escola de Cantaria foi a etapa que mais despertou o interesse das crianças. Perguntavam tudo. Gostavam principalmente quando o mestre canteiro as ajudava a picar a rocha escolhida por eles. Esta etapa exigiu uma preocupação redobrada com a segurança das crianças, principalmente em relação ao tamanho dos grupos, já que não se pode flexibilizar muito quanto ao tamanho dos grupos, sob o risco de se perder o controle dos mesmos.

Na etapa de envolvimento afetivo com o uso, conservação e preservação do patrimônio cultural apropriado, as crianças criaram roteiros dos monumentos da cidade, destacando no espaço urbano os imóveis e monumentos que elas consideravam mais significativos, nomeando e estabelecendo legenda para facilitar o trabalho do leitor. Nota-se, também, uma preocupação em evidenciar no roteiro, o bairro onde se localiza a escola deles, recorrendo, inclusive, ao uso de orientação geográficas na identificação.

Em algumas escolas optou-se por outras formas de expressão como poemas, pinturas, desenhos, peças teatrais, músicas e outros. O resultado acabou contemplando as expectativas, já que as turmas diversificaram os meios utilizados para expressarem o conteúdo trabalhado. Ocorreram apresentações teatrais nas escolas, elaboração de roteiros e de poemas a respeito da valorização do patrimônio cultural e da cantaria. Como as normas de apresentação desse trabalho não permitem a inclusão de fotos, nos limitaremos à apresentação de dois poemas, como segue abaixo:

Cantaria

Alunos da Professora Rosilea A. C. Carvalho
Escola Padre Carmélio Augusto Teixeira

A cantaria é uma obra
Linda de se ver
Preste atenção minha gente
Agora vamos descrever

Que lindo, que lindo!
O chafariz eu posso ver,
É uma obra
Que nunca vou esquecer.

Cantaria, cantaria
Que pedra posso levar
A pedra quartzito
Ou a rocha do mar

Na riqueza da cantaria
Temos um mestre, que alegria!
Oh! Cantaria! Seu Juca – o mestre da arte à fantasia
Encanto de moradores e turistas,
No canto da pedra faz da arte a melodia

Ah! Filho querido!
Descobriu no próprio pai um artista,
Hoje encanta o mais fino turista
Com a arte que Ouro Preto havia perdido.

Ao longe se houve o som
Das mãos humildes a tocar
Ainda sou pequeno, mas que bom!
A cantaria já sei valorizar

Somos apenas alunos
De uma escola municipal,
Já seguindo nossos rumos
Pra cidade patrimonial.
Queremos sempre preservar
o que os mestres nos deixar

Para isso, temos que nos conscientizar.
O que é nosso não pode acabar
Foi feito com mãos abençoadas
Para o mundo encantar.

Como vimos a oficina de cantaria
Felipe, Natália e Arley (Escola Izaura Mendes)

Tinha muitas pedras e poucos óculos.
Tinha muitas crianças e poucos mestres.
Tinha pedras duras e pedras moles.
As duras não conseguimos furar e as moles despedaçavam.
Tinha pouco espaço e muito calor humano.
Teve começo e não teve fim.
Nossa escultura ficou lá nas mãos do mestre canteiro,
Falamos do senhor Juca que nos encantou
Com o seu esforço, simpatia e calor humano.
Temos certeza de que ele dará um jeito em tudo que ficou por lá.

Um dos resultados mais importante desse programa foi o súbito interesse das crianças pelo ofício. Como consequência será iniciada uma oficina de cantaria dirigida às crianças a partir de 10 anos, privilegiando os participantes do projeto Revisitando Ouro Preto em 2003, tendo como principal objetivo despertar, desenvolver e fomentar nos educandos ações que visem a melhoria no desempenho escolar, a busca de novos conhecimentos e surgimento de atitudes de cidadania e utilizar o aprendizado artístico/artesanal como meio de expressão e conhecimento, permitindo aos educandos atuarem socialmente e de maneira construtiva na configuração de sua realidade.

Conclusões

A atuação da Escola de Cantaria tem sido extremamente importante para a comunidade local devido à formação de artífices preparados para a manutenção/restauração do patrimônio histórico de Ouro Preto, ao trabalho de pesquisa histórica e materiais e o desenvolvimento de atividades de preservação e conscientização das novas gerações. O seu programa de educação patrimonial, Revisitando Ouro Preto através da cantaria, tem proporcionado aos professores e estudantes atendidos uma nova forma de perceber e abordar a cidade, principalmente pela valorização de temáticas como bens integrados (cantaria), trabalho manual, ofícios e técnicas coloniais.

Uma questão que nos tem tirado o sono é a construção de um método adequado para avaliar todo o processo do programa. Tem sido extremamente difícil estabelecer critérios para avaliar apropriações de experiências, valores e posturas do aluno frente ao seu cotidiano. Quanto a isso não fechamos questão, pois estamos apostando nas soluções lançadas pelos professores e as sugeridas nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos. O resultado tem mostrado ser uma estratégia interessante.

É provável que os melhores frutos desse trabalho nas escolas, com essa faixa etária, não sejam perceptíveis em intervalo de tempo tão curto como um ano e meio. É preciso que os lugares e espaço re-apropriados pelas crianças durante o programa sejam continuamente trabalhados pelo corpo docente da escola, pois educação patrimonial não pode ser encarada como uma mercadoria que se destina a um determinado público e com prazo de validade. Mas deve sim, ser encarada como um processo permanente e ininterrupto, inclusive lançando mão dos mais diversos recursos didáticos e paradidáticos para manutenção desse processo.

Referências bibliográficas

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos (temas transversais). 1998.
- HORTA, Maria de L. P. et al. Guia básico de educação patrimonial. Petrópolis: IPHAN/Museu Imperial, 1999.
- LEMONS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. 2º ed.. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. Didática da História: patrimônio e história local. Lisboa: Texto Editora, 1994, p. 86.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In. BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2002. pp.128-148
- RANGEL, Marília Machado. Educação Patrimonial: conceitos sobre patrimônio cultural. In. MINAS GERAIS. Secretária de Estado da Educação. Reflexão e contribuições para a Educação patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. pp.15-36. (Lições de Minas, 23)
- SILVA, Fabiano Gomes da. O caminho das pedras: canteiros de Vila Rica no século XVIII, a partir de inventários post-mortem e testamentos. XI Seminário de Iniciação Científica da UFOP. Ouro Preto: UFOP, 2003. CD- ROM
- STARLING, Mônica B. de L. e SANTANA, Sylvana de C. P. Metodologia de projetos: patrimônio cultural no currículo do Ensino Médio. In. MINAS GERAIS. Secretária de Estado

da Educação. Reflexão e contribuições para a Educação patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. pp.15-36. (Lições de Minas, 23)

VASQUES, Cláudia Marina. Para preservar. Brasília: IPHAN, 1994.

VILLELA, Clarisse Martins. Critérios para seleção de rochas na restauração da cantaria. Ouro Preto-MG, Dissertação de Mestrado, Escola de Minas/UFOP, 2003.